



2018/10/20

A nova política externa dos EUA. Realismo com princípios?¹

Alexandre Reis Rodrigues

Fala-se pouco sobre a política externa americana. Quando se fala, é, normalmente, mais sobre o que diz Trump. Quase nada sobre os conteúdos e fundamentos da política. Não seria problema de maior se Trump fosse consistente nas suas declarações e se se limitasse aos aspetos verdadeiramente importantes das novas orientações. Não é o caso. A maior parte das vezes, as declarações geram mais confusão do que esclarecimento.² Para se perceber a



essência da nova política o melhor é ignorar o que o Presidente Trump diz e concentrarmo-nos na documentação³ que a sua administração tem produzido para tentar perceber a sua grande linha orientadora, o conceito de “*principled realism*”.

“*Principled realism*” é um conceito que tem as suas raízes no pensamento de Jeane Kirkpatrick, enquanto conselheira do Presidente Reagan na década de oitenta, chamando a atenção para o facto de que a postura dos EUA não estava a conseguir deter o expansionismo soviético.

Kirkpatrick atribuía o falhanço à adoção de três ideias que considerava erradas: a. A de que a oferta de um relacionamento cultural e económico atuaria como um incentivo para Moscovo suspender a sua postura expansionista; b. A de que uma postura militar forte seria olhada como uma provocação que iria desencadear sobrereações indesejáveis; c. Finalmente, a ideia de que a agressividade soviética era apenas fruto das suas fraquezas.⁴

Aparentemente, estamos perante uma recuperação deste conceito, como a resposta que a administração Trump escolheu para lidar com a atual situação de caos no relacionamento internacional (designação usada pelo *National Intelligence Council*) ou de regresso a um mundo em competição (designação usada na *National Security Strategy*).⁵ É uma mudança drástica em relação à política seguida pelos três últimos

¹ “Realismo com princípios” é a tradução que proponho para “*Principled Realism*”.

² Vejam-se as duas seguintes declarações; a primeira embora invoque o mesmo princípio nada tem a ver com o seu conteúdo; a segunda está corretamente aplicada: 1. “*The foreign policy of the United States is grounded in principled realism, which begins with an honest acknowledgement of plain facts. With respect to the State of Israel, that requires officially recognizing Jerusalem as its capital.*” 2. “*We are not asking others (in Afghanistan) to change their way of life but to pursue common goals that allow our children to live better and safer lives. This principled realism will guide our decisions moving forward.*”

³ Veja-se, por exemplo, a “*National Security Strategy*”, aprovada em dezembro de 2017.

⁴ “*Jeane Kirkpatrick and the roots of principled realism*”, Gail Yoshitani, oct 9 2018

⁵ Ou seja uma espécie de retorno à política externa de Reagan, “*Peace through strength*”. «*In 1981, the administration’s answer to the Soviet challenge was to restore the American economy and rebuild the military. Kirkpatrick explains: “The fact that giant increases in defense spending have been undertaken by a president bent on economy should make the message all the clearer” that the United States was determined “to defend its legitimate interests.*» “*Jeane Kirkpatrick and the roots of principled realism*”, Gail Yoshitani, oct 9 2018.

antecessores de Trump (Clinton, George W. Bush e Barack Obama) e que ficou designada por "hegemonia liberal". Bush foi o seu mais ardente promotor («*The survival of liberty in our land increasingly depends on the success of liberty in other lands*»). Barack Obama foi o que mais reservas mostrou, dando início a um caminho de demarcação que começou a reduzir as intervenções externas.⁶

Hegemonia liberal, como estratégia - na definição de John Mearsheimer⁷ - procura conseguir que um número cada vez maior de países adira aos valores das democracias liberais, à promoção de uma economia internacional aberta e de instituições internacionais. Na ideia dos defensores destas políticas, espalhar esses valores faz todo o sentido, quer no plano moral, quer no plano estratégico. É uma forma de promover os direitos humanos e a paz no mundo, na medida em que as democracias não lutam entre si.

No entanto, para Mearsheimer, trata-se de uma aproximação errada ao relacionamento internacional. As grandes potências raramente estão em posição de adotar esta estratégia. Os EUA tiveram essa oportunidade nas duas últimas décadas, mas apenas porque então se vivia um mundo unipolar no qual eram a potência hegemónica. Fora deste quadro, as grandes potências poderão ter um discurso liberal, mas, na prática, a sua preocupação central situar-se-á sempre no seu posicionamento no equilíbrio de forças global, ou seja, terão que atuar como realistas.⁸

Jeane Kirkpatrick chamava a atenção para os perigos de uma postura global no relacionamento externo que não tivesse em devida conta as realidades inultrapassáveis das diferenças culturais, geográficas e económicas e favorecesse uma ideia de universalismo algo abstrata.

Curiosamente, é, na sua essência, o mesmo que diz hoje a *National Security Strategy*. Primeiro, quando adverte contra a tentação de tentar impor a ordem no mundo, o que terá um custo elevado e falhará a longo prazo. Segundo, quando recomenda, como alternativa, que os EUA se limitem a procurar um equilíbrio de poderes que lhes seja favorável, adaptando a postura para cada região e limitando o seu papel na formação de um sistema de pensamento global, segundo uma estratégia de "*principled realism*" guiada mais para a obtenção de resultados do que orientada por ideologias.

Sem prejuízo de continuar a advogar os princípios e valores tradicionais, os EUA deixarão de olhar para sua promoção sob uma espécie de mentalidade de cruzada, para os defender onde quer que estejam ameaçados e podendo implicar o envolvimento nas políticas internas de outros estados que não partilhem esses ideais.

Na orientação atual, a única diferença - face à proposta por Kirkpatrick - é que, em vez da União Soviética, hoje a maior parte dos alertas apontam na direção da China, com a recomendação de reduzir as expectativas de que o apoio à sua integração na ordem mundial ajudará a inclusão do regime nessa realidade. Malgrado décadas de esperança em ver bem sucedida uma integração progressiva, a China tem-se limitado

⁶ É matéria em que Trump e Obama, malgrado as diferenças enormes, se aproximam como os primeiros a perceber que os americanos querem menos envolvimento externos, fazer menos e arranjar maneira que outros façam mais. Antes de se falar em "*principled realism*" falava-se em "*Restraint*" - *A New foundation for U. S. Grand Strategy* ou "*Offshore Balancing*". Ver "Os EUA num ponto de viragem estratégica", JDRI, 2 novembro 2017.

⁷ "*The Great Delusion: Liberal Dreams and International Relations*"

⁸ «*Great powers of all persuasions care deeply about their survival, and there is always the danger in a bipolar or multipolar system that they will be attacked by another great power. In these circumstances, liberal great powers regularly dress up their hard-nosed behavior with liberal rhetoric. They talk like liberals and act like realists*», "*The Great Delusion: Liberal Dreams and International Realities*».

a alargar o seu campo de influência, quando necessário, à custa da soberania de outros. Não está a convergir para se integrar na atual ordem mundial, como, aliás, também não está a Rússia. Pelo contrário, estão a tentar criar uma nova ordem que não favoreça os interesses americanos.

À luz desta realidade, o abandono da estratégia de “hegemonia liberal” tornou-se inevitável. Pode não se gostar da alternativa – a adoção da estratégia “*principled realism*” – mas não é possível discordar que teria que haver mudanças de orientação dadas as alterações que se verificaram no ambiente de segurança mundial, com o regresso a um clima de competição entre as grandes potências.

No entanto, não obstante o reconhecimento geral da necessidade de mudar, não há consenso sobre a forma que assumiu a nova orientação política. Duas razões principais. Primeira, a nova estratégia não tem representado, como seria desejável, um compromisso sério entre a corrente idealista – que coloca a promoção dos valores das democracias liberais e defesa dos direitos humanos, a par da defesa dos interesses – e a corrente realista – que coloca os interesses à frente dos valores – na procura de uma interseção de valores com interesses (realismo com princípios). Não se perspetiva uma aproximação a um maior equilíbrio. O Presidente não mostra qualquer apetência nesse sentido e o Partido Republicano, embora não partilhando exatamente as mesmas ideias, continuará a dar-lhe apoio político.

Segunda, não se vê qualquer medida que permita desmontar o receio, que se tem instalado entre aliados e amigos, de que um mundo sem a liderança dos EUA acabará por se tornar mais perigoso.⁹ Se o clima de rivalidade e competição entre as grandes potências inclui, como tudo parece indicar, um confronto de ideias entre dois modelos sociais – o liberal do Ocidente e o autoritário da China e Rússia – então os EUA deverão articular a defesa dos seus interesses com empenho na formação de uma frente unida na defesa do mundo livre e proteção dos direitos humanos.

Como poderá a Europa, ajudar a criar as condições para que essa frente se forme é a questão a que os europeus se devem apressar a responder. Não será tarefa fácil, mas é o que precisa de ser feito antes que os modelos neo-autoritários, que também existem no seu campo, comecem a expandir-se e ganhar raízes. Tornou-se mais difícil com a anunciada decisão de os EUA abandonarem o Tratado INF com o que a Europa discordará.¹⁰

⁹ “*The return of great-power rivalry was inevitable*”, *The Atlantic*, Thomas Ticht, Sept 12 2018.

¹⁰ Na prática, esta decisão pode muito bem destinar-se a sobretudo preparar o caminho para garantir uma melhor proteção dos aliados dos EUA na Ásia contra uma China que não está limitada por qualquer acordo de limitação de armamento nuclear. Dito, por outras palavras, corresponde a optar por dar prioridade aos aliados asiáticos em vez dos europeus. Voltaremos a este assunto noutra artigo porque é matéria muito mais complexa do que transparece dos órgãos de comunicação social portugueses e das intervenções de alguns comentadores.